

BC subirá juros para segurar inflação

Alta do dólar já chega a 29,6% desde terça-feira. Fechamento de ontem ficou em R\$ 1,57

Sheila D'Amorim e Maria Luiza Abbott

BRASÍLIA e WASHINGTON

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) decidiu reduzir a Taxa Básica do BC (TBC) de 29% ao ano para 25% ao ano e aumentar a Taxa de Assistência do BC (Tban) de 36% ao ano para 41% ao ano. Dessa forma, ele amplia a flutuação entre as duas taxas básicas de juros da economia abrindo caminho para sua elevação, no curto prazo. O BC aumentou o intervalo para oscilação das taxas que antes era de sete pontos percentuais. Agora, são 16. A mudança nos juros ocorreu no mesmo dia em que o BC anunciou formalmente a adoção do câmbio livre e que o dólar chegou a R\$ 1,57 no fechamento. Desde terça-feira, a moeda americana já subiu 29,6%.

O Copom também anunciou uma medida técnica: o piso de juros passa a ser a TBC menos 0,25 ponto percentual. Ou seja, ele será de 24,75%. O teto fica em 41% ao ano. Com a alteração promovida ontem, o BC ganhou uma margem de manobra para atuar diariamente no mercado de juros, já que não estará mais controlando diretamente a taxa de câmbio. Isso significa que, se nos próximos dias, a cotação do dólar subir muito, o BC nas operações diárias que faz com o mercado, puxará a taxa de juros para cima retirando reais da economia. Dessa forma, tentará inibir o sobe-desce excessivo da taxa de câmbio, além de controlar a inflação.

— Se a cotação subir muito, os juros sobem automaticamente — diz o economista de um grande banco.

Reunião do Copom foi antecipada com a mudança no câmbio

O BC também suspendeu até a próxima reunião do Copom, em 3 de março, os empréstimos aos bancos corrigidos com base na TBC. Dessa forma, o Governo fechou uma porta para impedir que as instituições financeiras tomem recursos emprestados no BC para especular no mercado de câmbio. A reunião de ontem do Copom foi antecipada. Ela só aconteceria no dia 27.

Pela manhã, em Washington, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, já tinha divulgado uma nota informando as mudanças na política monetária. Os juros poderiam subir, num primeiro momento, para cair mais rapidamente adiante, de acordo com os ajustes obtidos nas contas públicas, na avaliação da equipe econômica. Para assegurar essa estratégia, o Governo vai adotar novas medidas para reduzir o desequilíbrio fiscal e compensar o impacto da desvalorização do real sobre o déficit nominal (que inclui a correção monetária e cambial nas contas públicas). Mesmo assim, com a mudança no câmbio, as metas fixadas no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para o déficit nominal serão revistas, mas as metas para o superávit primário (que exclui juros) deverão ser mantidas.

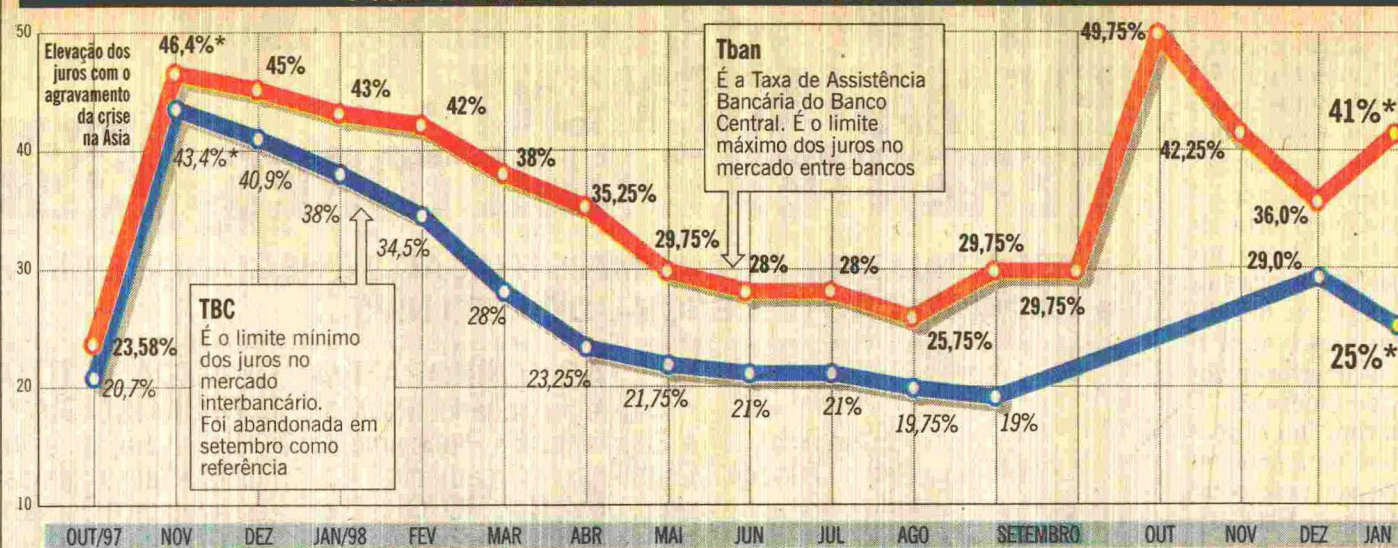
“A política monetária responderá prontamente à flutuações excessivas na taxa de câmbio e assegurará baixos níveis inflacionários. Nesse sentido, estou recomendando ao Copom que discuta a ampliação da banda da taxa de juros a fim de possibilitar o recurso ativo a uma política de juros com o viés ascendente inicial que venha a ser necessário para preservar a inflação sob controle”, diz a



O MINISTRO DA Fazenda, Pedro Malan, durante conferência de imprensa em Washington ontem: anúncio de que taxas de juros podem subir para combater os efeitos da volta da inflação

Editoria de Arte

O COMPORTAMENTO DAS TAXAS DE JUROS DESDE A CRISE ASIÁTICA



nota da Fazenda. Ou seja, os juros poderão subir para conter a inflação.

Com o fim da âncora cambial, que sustentou o programa de estabilização nos quatro primeiros anos do Plano Real, a inflação terá que ser mantida sob controle pelo manejo dos instrumentos das políticas fiscal e monetária. Em entrevista, o ministro insistiu várias vezes que os avanços do ajuste fiscal passam a ser ainda mais importantes para a queda dos juros no médio e longo prazo numa nova realidade de câmbio flutuante. O novo regime cambial abre espaço para a redução gradual dos juros mais à frente, pois uma das razões

para que as taxas estejam altas no Brasil, é o fato de que havia expectativas de desvalorização, segundo o ministro.

Malan explicou que, com a flutuação, os analistas não acreditam mais que haverá desvalorização significativa do real e por isso, se houver progresso na área fiscal, seria correto dizer que há espaço para trazer a taxa de juros para baixo, mas não no curto prazo.

— É um erro pensar que apenas porque se fez uma mudança no câmbio, independentemente do que está acontecendo no conjunto da economia, pode-se imediatamente reduzir drasticamente a taxa de juros. Abrimos o espaço e a

possibilidade para isso no médio prazo, se tivermos avanços claros na área fiscal — disse Malan. A necessidade de enfatizar as políticas monetária e fiscal no Brasil foi reforçada em nota pelo diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus. O texto diz que Camdessus vê com satisfação as discussões construtivas que manteve com Malan, em particular a confirmação de que a política monetária será conduzida para preservar a inflação baixa. ■

• GOVERNO DISCUTE COM O FMI MEDIDAS ADICIONAIS PARA CONTER O DÉFICIT PÚBLICO, na página 22